ENSINO HÍBRIDO CARACTERÍSTICAS E EXPECTATIVAS

FÁBIO LOURIVALDO DA SILVA

RESUMO

O presente estudo tem primeiramente o viés da busca pela compreensão das práticas relacionadas ao modelo híbrido de ensino. Atualmente, as escolas estão divulgando as suas metodologias com base em um ensino que mesclaria as atividades online e presenciais, buscando desviar suas práticas das interferências provocadas pelas restrições pandêmicas. Contudo, busca-se o cerne dos conceitos e características do ensino híbrido para viabilizar o que de fato essa modelagem poderia proporcionar nesse momento em que as escolas estão fechadas ou com atividades parciais. Refere-se a uma modelagem híbrida porque alguns alunos somente voltariam à escola presencialmente após à vacina e outros estão frequentando a escola já aberta em uma modalidade presencial. Espera, nesses casos, que ambos contextos sejam vinculados a um mesmo momento: a aula que está sendo ministrada. Assim, que está em casa, assistiria a aula em ambiente remoto e, quem está na escola, estaria na modalidade presencial. Questiona-se se esse seria o papel e a aplicação correta da modalidade do ensino híbrido e o que se esperar dessa modalidade como uma opção para os tempos de pandemia. O objetivo é compreender os principais fundamentos do modelo híbrido. A metodologia é qualitativa, com estudo de referenciais teóricos que conceituem o ensino híbrido

PALAVRAS-CHAVE: Ensino híbrido; Conceitos; Aplicações.

ABSTRACT

The present study is primaly concerned about to understand practices related to the blended learning. Currently, schools are disseminating their methodologies based on teaching that would mix online and presencial activities, seeking to divert their practices from interferences caused by pandemic restrictions. However, the core concepts and characteristics of blended learning is sought to make feasible what that modeling could actually provide at a time when schools are closed or with partial time activities. It refers to a blended learning because some studentes would only go back to school in person after taking vacines and others are attending the school already open presencially. In those cases, they expect both contexts to be linked at the same moment: the class currently taught. Thus, who is at home, wouls attend the class in a remote environment and, whoever is at school would be in present modeling. Oi is questioned wether tgis would be role and correct application of the blended learning and what to expect from this modality as an option for pandemic times. The objective is to understand the main fundamentals od the blended learning. The methodology is qalitative, with the study of theoretical references which conceptualized blended learning

KEYWORDS: Blended learning; Core concepts; Applications.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia tem suscitado novas formas de aprender e de manter o vínculo com o aluno. A aprendizagem remota percorreu todo o ano letivo de 2020 e, em 2021, as instituições têm adotado aulas presenciais e remotas simultaneamente. Questiona-se,

portanto, se é de fato uma aplicação de ensino híbrido tal qual se promove ou se há requisitos para que esse modelo possa ser aplicado.

Antes de tudo, convém salientar que o modelo híbrido é uma forma de aprendizagem que, não somente utiliza mais ferramentas tecnológicas, como também é preciso ter modelos atitudinais diferenciados do tradicional. O professor não será o responsável por apresentar todas as informações, mas sim será o mediador das informações as quais lhe são trazidas.

Outra questão é compreender que as ferramentas não são uma caracterização genuína da ferramenta híbrida. Por exemplo, apenas indicar o uso do data show em uma aula expositiva não quer dizer que há a presença de uma modelagem híbrida porque é preciso rever a postura do aprendente como sendo ativa e como protagonista da sua aprendizagem.

O objetivo do presente estudo é compreender o que é o ensino híbrido e quais são as suas características principais.

Justifica-se o presente estudo pela importância de entender que o ensino híbrido não é uma relação de complementaridade entre o presencial e o remoto, mas uma relação entre o físico e o digital que não se faz antagônica e que busca uma sinergia em sua forma de conteúdo.

O problema da pesquisa incide sobre a seguinte pergunta: quais são as reais características do modelo híbrido?

1 DESENVOLVIMENTO

Conceitos iniciais

Inicialmente, a modalidade de ensino híbrido aparece em um contexto cuja proposta está relacionado à aprendizagem do ensino a distância, o EaD. Algumas faculdades, alguns anos atrás, precisaram demandar esforços para que o currículo cumprisse a carga horário semipresencial por vias de legislação, uma modalidade que começava a se inserir em âmbito superior: o EaD. As ações de curadoria para um ambiente que pudesse mesclar aprendizagem online com presencial fora apresentada pelas instituições.

Com o período de restrições das atividades escolares no período da pandemia, as atividades passariam a ser exclusivamente remotas. Muitos nomearam essas ações pedagógicas de EaD, homeschooling, porém, fato é que nada que fora improvisado pelas ações escolares para evitar a descontinuidade do ensino e que poderia estar fora da modalidade presencial, porque foi nela em que as matrículas presenciais foram realizadas para atender o ensino básico. E, com isso, começaram as buscas pelas plataformas para se implantar uma canal que preenchessem a carga horário dos alunos em quarentena através do ensino remoto.

Horn e Staker (2015) conceitual o ensino híbrido como uma modalidade de planejamento em que a intencionalidade pedagógica presente no currículo escolar integra tanto a aprendizagem presencial quanto a online em vários tipologias metodológicas. Para os autores, o ensino híbrido abarca todas as propostas e ferramentas metodológicas com o intento de romper com paradigmas e modelos de uma educação a qual serviu à tradicionalidade e preservou o aluno de aprender com autonomia. Os autores citam algumas representações metodológicas do ensino híbrido:

Modelo rotacional com revezamento de modalidades;

Sala de aula invertida;

Modelo flex com prioridade para a aprendizagem online e cumprimento de carga horário presencial durante as propostas avaliativas;

Modelo em que os alunos fazem primeiramente todo o curso online e participam de um momento presencial com o tutor do curso ou professor;

Virtual – presencial, com o conteúdo teórico todo ministrado online e as atividades práticas presenciais.

Há uma proposta, em todos esses submodelos, de agrupar e reagrupar alunos, diversificando ao máximo as atividades presentes no planejamento didático. Há uma dinâmica que buscar personalizar o aprendizado com o objetivo de construir a autonomia do aluno e conduzi-lo a ambientes em que ele possa protagonizar a construção do seu conhecimento de maneira individualizada.

Dimenstein (2016, p. 19) fala que é nesse ambiente em que as propostas precisam ser direcionadas para distintos grupos que o professor despe-se do seu papel de autoria e passa a ter uma função de curadoria, está vinculada à mediação dentro do espaço tecnológico que é o ambiente macro para que o aluno possa construir o seu processo de pesquisa interagindo com a realidade presencial e virtual:

“A era da curadoria é um momento em que organizamos os nossos espaços de convivência, de vida comum, estruturados em algumas instituições como a escola, os meios de comunicação, em que aquele que é responsável por coordenar as atividades tem o espírito do curador, isto é, alguém que tem que cuidar para repartir, alguém que precisa proteger e elevar para tornar disponível para as pessoas que ali estão, seja o conhecimento na escola, seja a informação em relação ao mundo digital. É a atitude de um curador. Não é um guardião porque este retém, não passa adiante; não é um guarda do museu, que não deixa o visitante chegar perto; não é um proprietário, que mantém a obra de arte dentro de casa. O curador não tem a visão de dono da propriedade, mas a visão integrante de um condomínio. ”

Esse ponto de convergência entre o curador, o professor, o aluno e o espaço midiático é a analogia do que Dimenstein (2016) referenda: a integralização dos espaços e protagonistas da aprendizagem em ambiente híbrido. Esses elementos são fundamentais para se compreender os conceitos iniciais dessa modalidade.

Nessa perspectiva de um professor que é curado, o ensino híbrido irá desmembrar- se em metodologias que rompem com os paradigmas tradicionais da educação e de um modelo estritamente presencial para ofertar ao processo de ensino aprendizagem do aluno um modelo em que as tecnologias digitais irão apresentar novas experiências. Hybrid ou blended learning são termos usuais para se referir a essas modalidades que estão inseridas no contexto do ensino híbrido e se fala em “modalidades” porque o ensino híbrido não é apenas uma mescla de presencial com online: ele é composto por desenhos de aprendizagem que não irão limitar-se a barreiras de quem está em casa ou online.

Lopes et al (2014) reforça que a tecnologia não representa um canal para o indivíduo aprender sozinho, sem trocas de expe-

riências. As proposições as quais convergem para um modelo de aprendizagem híbrido e que advém da tecnologia promovem o ensino atendendo a demandas sociais, de uma comunicação que se acelerou nas últimas décadas e modificou as formas de manutenção do paradigma educacional, desenvolvendo novas formas de trabalho. O indivíduo para aprender precisa do outro ainda que essas aproximações sejam mediadas pelas tecnologias e seus aportes.

Horn e Staker (2015) propõe a analogia do ensino híbrido a um cardápio de self-service em que o aluno escolha, de forma autônoma, como aprender. Ele irá caminhar pelas propostas nessa mescla de aprendizagens desenvolvendo uma aprendizagem com autonomia e integralizada. Esses últimos elementos rompem com padrões mais tradicionais porque eles irão contemplar uma forma autóctone em oposição a uma centralidade de informações na figura do professor, com menos fragmentação. A divisão de disciplinas curriculares não é mais barreira para a aprendizagem porque o aluno, passeando por núcleos temáticos, poderá ter contato com um assunto que contemple uma ou mais áreas de conhecimento e isso faz parte da metodologia de ensino.

Moran (2014) fala que o ensino híbrido retira o aluno da passividade. Ele precisa se atuante porque a sua rotina será diferente da aprendizagem presencial. Com a integração de métodos, as aulas dinamizam e se ancoram em um processo de ensino que também irá flexibilizar a proposta para ele. A substância trabalha presencialmente irá refletir em outros padrões de processos no modelo blended e irá complementar várias áreas de estudo através de experiências tecnológicas. Os equívocos das aplicações do ensino híbrido em tempos atuais, durante a pandemia, está em pensar que, compor tecnologias e aulas presenciais formula um programa blended enquanto que o ensino híbrido está na forma como esse aluno aprende independentemente de onde ele estiver

1.2 O laboratório rotacional

O laboratório rotacional ou aprendizagem por estações é uma proposta dentro do ensino híbrido em que os alunos estão sob a pesquisa de um mesmo núcleo temático sendo que em diferentes estações. Estas podem ser ambientes distintos na sala de aula, ou salas simultâneas online, porém todos conjugados e correlacionados a atividades que são interdependentes. Cada grupo cumpre com suas atividades alternando as estações, ou seja, realizam todas as propostas, passando por cada estação.

Castilho (2019) conceitua o laboratório rotacional enfatizando que ele possibilita que o ensino híbrido tenha o mix para a articulação dos espaços, do conteúdo com os recursos tecnológicos. Ele diz que esse método é uma vinculação aberta à aprendizagem.

Horn e Staker (2015 apud CASTILHO, 2019, p. 261) fala que o laboratório rotacional

é:

“A modalidade de ensino onde é preciso incluir os recursos tecnológicos, os estudantes realizam tarefas em espaços e tempos diferentes, no próprio ambiente escolar. Na sala de aula, realiza as atividades conhecidas como presenciais (resoluções de problemas, simulados e outros); no Telecentro ou Laboratório de Informática, executas as tarefas fitas online (pesquisas, simulações e quizzes)”

Castilho (2019) fez um estudo em que se observou um planejamento de utilização do laboratório rotacional em um centro com professores que geriam 3 turmas. Esse centro alocado em uma escola, alternou atividades com modelos presenciais e virtuais na escola. Eles escolheram objetos de aprendizagem da Linux Educacional. Na sala com computadores e mesas, houve a descrição das tarefas com desafios para que as atividades fossem concluídas conforme os alunos passavam por cada uma das estações. (CASTILHO, 2019).

Esperança (2019) também pesquisando sobre a modalidade do ensino por estações, no laboratório rotacional, pontuado o desafio docente face a essa estratégia metodológica. Mediante a possibilidade de um aprendizado colaborativo, requer a construção do conhecimento por meio da interação e autora refere-se a esse momento de aplicação da metodologia de forma que interação interpessoal possa acontecer sem o aluno estar em um processo de aprendizagem de forma aleatória e individual. Citando Sonnewend (2017, p. 1) caracteriza o laboratório rotacional quando:

“a sala de aula é dividia em espaço, onde cada um deles está preparado para uma prática diferente. Durante a aula o professor orienta o grupo para uma aula diferente. Durante a aula, o professor orienta o grupo, tira dúvidas ou propõe caminhos para os alunos. Por exemplo, em uma das estações, pode ocorrer o uso de tecnologia, com exercícios online, games. Já em outra estação, pode ocorrer a colaboração entre os alunos, promovendo o debate ou atividades práticas e coletivas. ”

Esperança (2019) fala que o laboratório rotacional é a prática do rodízio e do estímulo ao aluno a participar dos espaços de trabalho uma diversidade ampla de atividades de forma que ele trabalhe com autonomia, construindo a sua trilha nos caminhos propostos pelo docente. A autora pesquisa a Plataforma Sílabe que é um espaço online onde o professor planeja e escolhe quais são as interações pelas quais o seu aluno irá passa naquele ambiente. Muito embora a autora apresente um espaço online como um movimento de atividades que são reunidas para compor o mix do laboratório rotacional, ela enfatiza que é preciso mesclar as aprendizagens com recursos presenciais e tecnológicos em um mesmo ambiente para avivar o conceito das estações no laboratório rotacional.

Esperança (2019) cita Moran (2015) que apura a importância da diversificação nos estilos de aprendizagem e como que essa variedade gera oportunidade de construção do conhecimento de forma autônoma.

A aprendizagem híbrida com aplicação do laboratório rotacional também eleva e mostra ao aluno que há estilos de aprender, que ele pode aprender um mesmo assunto de formas diferentes. Esperança (2019) fala que essa é a função do laboratório rotacional. A

autora fala de três formas de aprender ao longo do trajeto construído: o estilo visual, o estilo auditivo, o estilo sinestésico. O primeiro é com estímulos visuais como mapas, imagens, vídeos os quais podem abstrair conceitos. O segundo é por meio de sons e estímulos recebidos por sons e ruídos e o terceiro é pelo movimento corporal, também presente no laboratório rotacional.

1.3 A sala de aula invertida

A sala de aula invertida que, ao invés dos estudos serem realizados após o professor apresentar o tema, o aluno pesquisa o que lhe é mais interessante relacionado ao tema que relevante e leva para a aula em que o professor irá abordar o assunto. Logo, cada aluno prepararia a sua aula sobre o tema para, na etapa seguinte, compor a abordagem do tema.

Valente (2014, p. 85) fala que há regras básicas para a aula ter uma característica de inversão:

1) A aprendizagem precisa ser ativa, conduzindo o aluno a resolver questões e apresentá-las;

2) O aluno precisa ter um retorno imediato da sua pesquisa na aula seguinte;

3) As atividades são precisamente realizadas em ambiente online e presencial para constituir a faceta híbrida.

Essas características, para o autor, são os embasamentos necessários para a sala de aula invertida. Valente (2014) descreve demonstrações de aplicação dessa modalidade do ensino híbrido. Ela cita os temas “História Global”, “Desenvolvimento Demográfico” e Nutrição e Saúde da Criança”, direcionadas como atividades online e presenciais, com variedade de materiais. Com esses temas, a autora demonstra em seu artigo que eles foram desenvolvidos em sala de aula presencial, após o aluno percorrer uma trilha de pesquisa em ambiente metodológico. Essa trilha é lida pelo professor antes da aula, o qual irá pontuar as dificuldades e o que mais achar necessário ao longo da leitura das respostas dos alunos.

2 METODOLOGIA

Para o trabalho, a metodologia adotada é qualitativa com pesquisa de referencial teórico. Buscou-se compreender quais são as metodologias aplicadas dentro do ensino híbrido. Entende-se que o ensino híbrido não é mescla de presencial e online, mas sim de aplicações metodológicas que são fundamentadas por teóricos os quais embasam a dinâmica do processo de ensino nessa modalidade.

O objetivo do estudo é compreender que o ensino híbrido caminha além das circunstâncias presenciais e, para se proporcionar a experiência no formato híbrido é preciso congregar várias ações.

A construção do processo de pesquisa irá se pautar nos teóricos Horn e Staker (2015), Lopes et al (2014) e Moran (2014) buscando compreender os conceitos de rotação de estações e sala de aula invertida que são modalidade do ensino híbrido. Esse será o norte da pesquisa metodológica consubstanciando a revisão de literatura aos resultados decorrentes dessa análise. Evidencia-se que a pesquisa bibliográfica é uma ferramenta destinada à revisão sistêmica.

Os artigos pesquisados no Google Acadêmico demonstram equiparação com os termos pesquisados: “ensino híbrido rotação” e “ensino híbrido sala de aula invertida”. Os artigos encontrados foram:

Tabela 1 – Artigos pesquisados

Ano	Autor	Título
2014	J. Armando Valente	"Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida."
2019	Roberto Barbosa de Castilho	"O laboratório rotacional no Ensino Híbrido: do desafio à realidade educacional da era tecnológica."
2019	Adriane Esperança	"Modelo de ensino híbrido laboratório rotacional: desafios da formação docente"

Fonte: Autor

3.2 Discussão e resultados

Na pesquisa realizada, pode-se observar que a modalidade do laboratório rotacional, a aplicabilidade requer que o professor contribua com uma sequência de atividades que promova a interação com o uso da tecnologia. Ao se planejarem atividades diferenciadas, em estações diferentes com os recursos tecnológicos, é um desafio para o docente torná-las interdependentes contribuindo com um arcabouço sociointeracionista das atividades. Quanto mais o viés colaborativo estiver presente, mais a atividade será significativa.

Conjectura-se que o laboratório rotacional tem esse cardápio para além do tempo e do espaço oportunizando uma experiência didática que está à luz do que o professor planeja. Ao passo que o laboratório rotacional concede possibilidade de interagir, ele também cria espaços para que o aluno tenha autonomia de transitar da tecnologia para as ferramentas presenciais e, pouco a pouco, vai construindo a sua autonomia.

A rotina desse aluno sofre intervenções por uma nova categoria pedagógica a qual começa no trabalho de planejamento do educador e irá garantir a rotatividade com estabilidade e segurança gerada na prática com a tecnologia nos centros escolares. É preciso aliar a essa visão do laboratório rotacional o quanto que as escolhas e as decisões dos alunos, ao longo das atividades, como eles caminham pelo percurso do espaço da sala, serão um contributo para a formação integral e menos fragmentada.

Em relação à sala de aula virtual, compreende-se que o início, a etapa que abre a implementação da sala de aula virtual não é concretizada pelo educador porque ele precisa que os alunos realizem as atividades iniciais para, então, mapear as principais coletas que eles trazem sobre o assunto a ser abordado. Muito embora seja uma temática discutida, muitos professores referendam que essa modalidade do ensino híbrido não é igualitária, ou seja, nem todos os alunos conseguem ter plena ação na pesquisa inicial, por diversas limitações. Caso esse aluno não consiga se preparar para a aula em que o professor irá reunir tudo o que os demais apresentaram, ele está aquém ou já não participaria da aula com a mesma disponibilidade que os demais. (VALENTE, 2014).

A outra grande questão presente nas contra-argumentações da sala de aula invertida está em reconhecer que nem sempre alunos estão dispostos a reconhecer que é uma etapa importante e, consequentemente, não a realizam.

A pandemia mudou o cenário do ensino em geral. Ela, a grosso modo, agregou novos pilares às práticas educacionais de forma que os professores puderam, ao longo de um ano, ressignificar as suas técnicas de ensino ligadas às suas matérias que já são bem específicas em ambiente remoto.

Há de se contemplar, de início, o quanto que ensinar em ambiente remoto tornou-se um desafio para quem aprende e para quem ensina. De um lado, as estruturas estão prontas para serem recebidas; de outro para serem ensinadas, porém, em alguma parte do caminho, conceitos começaram a dificultar a compreensão de quem aprende e de quem ensina. A sala de aula foi sempre fora um grande desafio. Ela conjuga áreas e está muito presente no conhecimento prática dos alunos. A tarefa dos professores é tornar essa prática parte verídica da realidade dos

educandos de forma que não sejam prejudicados em sua vida acadêmica. Entregar as descobertas desse saber é participação efetiva em uma sociedade que cada vez mais solicita alunos com autonomia e com treinamento cognitivo em dia. De acordo com dados do censo de 2018, apenas 18% dos alunos chegam ao final do ensino fundamental com aprendizagem efetiva. São dados preocupantes se adicionar outros agravantes como a evasão escolar, a descontinuidade do ensino dentro outros fatores sociais que desvirtuam o aluno da proposta de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas algumas modalidades do ensino híbrido foram aqui apresentadas ressaltando a mescla de técnicas que auxiliam na composição de uma aprendizagem em oposição a modelos tradicionais gerados na sala de aula. Confere aos tempos atuais, apresentar um modelo de ensino híbrido relacionado a espaçoso que não é concernente ao que foi visto tanto para uma aplicação de laboratório rotacional, como para a sala de aula invertida.

Nos resultados apresentados, viu-se que ambas modelagens tem as suas propostas como pontos de convergência tanto para o fazer pedagógico, quanto para a formação individual do aluno, como o reforço da necessidade de se propor autonomia para aprender e para se informar.

O laboratório rotacional é um desafio para o docente que precisa, a cada proposta, planejar diversas atividades para um mesmo tempo de aula, ampliando uma simples sequência didática para várias estações redimensionando o senso de coletividade para uma aprendizagem colaborativa. Para que isso aconteça, é necessário que o professor não somente mescle informações, mas também distribua as experiências entre tecnologias educacionais e sala de aula presencial.

A sala de aula invertida já não inicia o processo com a figura do professor. Ela precisa que o aluno ative a sua aprendizagem, participe de ambientes de coleta e atividades buscando resultados antes da intervenção do professor.

É importante também revelar nesse contexto de repensar as novas práticas em ambiente remoto ao passo que o docente resgata novas formas de saber ele irá apropriar- se de novas práticas que irão trazer novas alternativas para o aprender. Ele também é aprendiz na caminhada do conhecimento, embora nem sempre detenha as técnicas, é possível aplicar e conjugar plataformas para facilitar o aprendizado ativo da matéria.

Ao refletir as suas práticas, ele reflete as metodologias. As formas de aprendizagem e, por conseguintes, as formar de ensinar que possam envolver o seu aluno.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CASTILHO, E. O laboratório rotacional no ensino híbrido: do desafio à realidade educacional da era tecnológica. Educitec, 2019.

DIMENSTEIN, G. O cidadão de papel. Editora: Ática, 2016.

ESPERANÇA, A. Modelo de ensino híbrido laboratório rotacional: desafios da formação docente. Disponível em: file:///home/everex/Downloads/1402-3648-1-SM.pdf, acessado em 02/03/2021.

HORN, M.; STAKER, H. Classificando o ensino híbrido. Rio de Janeiro: LTC, 2015.